

JAWS / 1975

(Tubarão)

um filme de Steven Spielberg

Realização: Steven Spielberg / **Argumento:** Peter Benchley e Carl Gottlieb, baseado no romance homónimo de Peter Benchley / **Fotografia:** Bill Butler / **Fotografia Submarina:** Rexford Metz / **Production Designer:** Joseph Alves Jr. / **Décors:** John M. Dwyer / **Efeitos Especiais:** Robert A. Mottey / **Efeitos com tubarões:** Ron Taylor e Valerie Taylor / **Conselheiro Técnico:** Manfred Zendar / **Direcção de Som:** John R. Carter / **Música:** John Williams / **Montagem:** Verna Fields / **Interpretação:** Roy Scheider (Martin Brody), Richard Dreyfuss (Hooper), Robert Shaw (Quint), Lorraine Gary (Ellen Brody), Murray Hamilton (Vaughn, o Presidente da Câmara de Amity), Carl Gottlieb (Meadows), Jeffrey C. Kramer (Hendricks), Susan Blacklinie (Chrissie), Johnathan Filley (Cassidy), Ted Grossman (a vítima da lagoa), Chris Rebello (Sean, o filho mais novo de Brody), Lee Fierro (Mrs. Kintner, a mãe do miúdo morto), Jeffrey Voorhees (Alex Kintner, o pai do miúdo morto), Craig Kingsbury (Ben Gardner), Robert Nevin (o médico), Peter Benchley (o entrevistador), etc.

Produção: Richard D. Zannuck e David Brown para a Universal / **Cópia:** dcp, cor, legendado eletronicamente em português, 124 minutos / **Estreia Mundial:** Los Angeles, a 24 de Abril de 1975 / **Estreia em Portugal:** Cinema Eden, a 25 de Março de 1977.

A sessão de dia 11 está simultaneamente programada na rubrica "Com a Linha de Sombra " assinalando o lançamento do livro Olhar O Medo – Visões Sobre O Cinema de Terror.

Antes de tudo - antes de antes de tudo - o mar mete medo. Em nenhuma das grandes civilizações marítimas - da Fenícia a Portugal, passando pela Grécia - deixou de invocar o medo. Poseidon, deus dos mares, irmão do Senhor dos Céus e do Senhor dos Infernos, foi a divindade mais temida, o deus das mais recônditas iras. E o "mar tenebroso" foi o mar mais invocado pelos nossos navegadores, origem dos mais obscuros pavores e das mais obscuras lendas. Na nossa literatura, mar e tragédia permanecem associados nesse livro, entre todos, primordial que é a História Trágico-Marítima.

Jaws não é um filme sobre viagens ou navegações. Mas as suas três personagens principais - Brody, Quint e Hooper - estão ligados por um antiquíssimo medo do mar. Brody é o caso mais flagrante. Como ele próprio refere várias vezes, desde miúdo que o mar lhe inspira um terror total, desde miúdo que vive obcecado com a ideia de morrer afogado. Na água, nunca se mete, como lhe nota, na praia uma das veraneantes. Estranho, diz-lhe a certa altura Quint, que um homem com tanto medo do mar tenha escolhido viver numa ilha. "*Uma ilha*" - responde Brody - "*só é uma ilha quando vista do mar*".

Quint e Hooper não têm esse medo tão primário. Mas qualquer deles vive obcecado com o monstro dos mares: *the great white* (atenção ao branco) o tubarão. Hooper teve uma história de

infância com eles e por isso lhes dedicou a vida. Quint viveu a terrível experiência do *Indianapolis* e passou três dias e três noites rodeado por tubarões, sendo um dos 316 sobreviventes de uma tripulação de 1426 homens, dos quais 1100 acabaram comidos pelos tubarões (quase proporções do **Titanic**). Para o último, a luta com aquele tubarão é um caso pessoal. Por isso, quer ir sozinho defrontá-lo, por isso se recusa a chamar um barco maior, por isso corta a comunicação pelo rádio que Brody tenta fazer. Entre ele e o monstro, o caso é pessoal e o monstro (na vertente "mobydickiana" da história, de que me ocuparei adiante) parece ter a mesma convicção. Quem escapou numa margem do Pacífico, não escapa na outra e dos três heróis é o único devorado pelo tubarão, num "ajuste de contas" adiado há trinta anos. Repare-se na descrição que ele faz aos amigos do "grande plano" do tubarão que viu nas águas japonesas. Os olhos pretos como se estivesse morto, que se reviram e viram ao branco quando abre a boca e devora as vítimas. O tubarão é o demónio e um demónio que devora em êxtases de conotação sexual, fixado na parte inferior do corpo humano (as tão obsessivas "pernas" do filme) como aliás sucede com o próprio Quint na terrífica cabidela da sua morte. Aquele peixe não morre pela boca. Antes é a boca que é uma espécie de gigantesca vagina castradora, vagina com dentes, e são os homens e as mulheres que morrem pelas pernas e pelos baixos do corpo. A morte de Quint tem algo da morte do Capitão Achab do **Moby Dick**. O tubarão que teve Hooper á sua mercê (na gaiola, quando o surpreende por trás), parece "desinteressar-se" dele para ajustar contas com o arqui-inimigo.

Se, neste celeberrima super-produção que em 1975 fez renascer a indústria cinematográfica e marcou nela uma viragem histórica (a tiragem em simultâneo de centenas de cópias, lucros de 130 milhões de dólares, somas nessa altura jamais sonhadas e muito menos realizadas) se podem ver muitas instâncias, a instância do medo é fundamental. **Jaws** é sobretudo um grande filme de terror, terror que aliás só plenamente funciona no cinema (este é dos filmes que não "passa" na televisão, onde tudo se perde). Visto e revisto, na sala escura (ou numa escura esplanada...), há sempre alguns momentos, por mais conhecidos que sejam, em que o espectador dá um salto na cadeira, como (exemplo mais flagrante) quando Hooper descobre o cadáver de Ben Gardner na embarcação destruída. O pânico dele é igual ao nosso, à visão dessa máscara, da autoria do celeberrimo caracterizador John Chambers, o homem dos **Planetas dos Macacos** e de **Star Trek**. E não faltaram, em 75, explicações e teorias que ligaram o êxito do filme ao "grande medo" americano desses anos 74-75, ao post-Vietnam e post-Watergate. **Jaws** seria a encarnação visível - a imagem visível - do grande terror.

Mas se assim é - ou se assim foi (visto de hoje, o filme perdeu grande parte dessa carga) - é possível distinguir nele varias secções ou varias instâncias desse mesmo medo, que Spielberg doseou astutamente.

Ao princípio, o princípio parece ser o do "suspense". Sabendo o espectador que vai ver tubarões, a primeira questão é como vão eles aparecer. Spielberg - no que ainda hoje me parece ser a melhor sequência do filme - decidiu surpreender-nos pela rapidez. Em vez do habitual prólogo, a deixar-nos na expectativa, o tubarão surge quase logo no início, com a morte de Chrissie naquela tão bela e suave noite.

Mas atenção: o tubarão já está presente (embora não demos por ele) antes de atacar a loura e nua vítima. Porque o primeiro plano do filme - plano submarino - não é um plano objectivo (uma filmagem no fundo do mar) como somos levados a supor. Quem vê (e daí o *travelling*) é o ainda invisível tubarão. **Jaws** começa com o ponto de vista dele, desde o início "personificado", o que imediatamente prepara a sua visão como visão demoníaca.

Logo a seguir, muda toda a luz, toda a cor e muda todo o ponto de vista quando, num plano geral, vemos a festa dos jovens na praia, a beberem e a fumarem. Muda também o tema musical. Do *leit motif* inicial da portentosa partitura de John Williams - um dos grande trunfos do filme - passa-se para uma música "camp", música de jovens hippies, como os que nessa praia estão. A câmara percorre o grupo (insinuando uma orgia estival) até se deter num jovem que, alheado dos

outros, olha para fora do quadro. Corte e vemos a bonita rapariga objecto do olhar. Quando ele se aproxima dela, ela foge e, enquanto tira as roupas, diz-lhe que vai nadar. "*I'm coming, I'm coming*", diz-lhe, em óbvio duplo sentido, o rapaz que, de bêbedo que está, não a consegue seguir. E a câmara vira-se então para o mar, um mar tranquilo e apetecível, à luz que precede a madrugada (o sol está a nascer). Chrissie mergulha com visível prazer, numa festa de sentidos. É então que volta o tema de Williams e o ponto de vista do tubarão. Os planos submarinos correspondem - uma vez mais - à visão dele, já colocado entre as pernas da rapariga. E, ainda mal nos preparámos, dá-se o primeiro ataque. Na praia, o rapaz, caído, nem se apercebe dele e continua a dizer: "*I'm coming*" muito perto de adormecer. E o encontro fatal da bela e do monstro dá-se, longe de qualquer outro olhar, com demorados planos do rosto aterrorizado de Chrissie, até tudo se fechar na mesma paz.

Entre esse casal, que o não chegou a ser, e o casal Brody a diferença não pode ser maior. Mas é este, cuja proximidade física é quase nula (Brody nem sequer responde a um desafio sexual da mulher) quem vai ocupar o primeiro plano, nas vésperas do 4 de Julho e nas manobras oportunistas do cacique local, de camisa cheia de âncoras. A partir daí é o vai-vem de suspense à espera de novos ataques, às vezes resolvidos com *gags* (os miúdos com barbatanas de tubarão) outros nos ataques reais (o miúdo do colchão, o ataque na lagoa).

E é sob a figura de "suspense" que o filme prossegue, até à reunião dos três protagonistas e à decisão do *mayor* de pagar a Quint a grande caçada.

E é nela que intervém a dimensão "Moby Dick", que se vai acentuando até conhecermos o tamanho do tubarão (a *maquette* feita ultrapassava em um metro a dimensão do maior tubarão conhecido) e ouvirmos, na noite da bebedeira a bordo, as terríficas histórias de Quint.

E é depois dessa noite de catársis que o barco chamado Orca se imobiliza, e que a luta passa a ser a das forças do "bem" - contra as do "mal", ou as dos homens cujos olhos cada vez mais se dilatam contra os *lifeless eyes* do *great white*.

E é a partir desse momento que os planos subjectivos do tubarão se impõem crescentemente, como na sequência submarina em que destrói a gaiola de Hooper. Até o monstro explodir, morto pelo homem que mais medo tinha do mar, pendurado no último resto do barco que ficou à superfície. E, do fundo das águas, quase milagrosamente, reúne-se-lhe o "ressuscitado" Hooper numa celebração jubilatória, em que a imagem se situa nos antípodas das imagens iniciais. O oculto desaparece e fica visível a carcaça do monstro morto, rodeada de aves, e levando no ventre o chefe da expedição, o homem que antes cantara "*farewell and adieu to your fair Spanish ladies*".

E das *ladies*, como do fantasma da rapariga do início, nos despedimos quando entrámos no Orca. Mulheres e crianças desapareceram do filme e é um casal de homens o casal triunfador.

A propósito e para acabar: porque será tão esquálida a mulher de Brody? E deixo-vos a pensar no primeiro e último dos manjares do "grande branco", da belíssima Chrissie ao gordíssimo Quint. Os demónios tem, às vezes, banquetes singulares...

Talvez não fosse por mera sugestão que, nos anos seguintes a este filme, tanta gente julgou ver tubarões nas mais pacíficas praias. O mar faz muito medo e as criaturas do fundo dele ainda mais. O resto é psicanálise, mais ou menos barata.

JOÃO BÉNARD DA COSTA